

O ouvinte-enunciador nas narrativas radiofônicas: as disputas pelo poder de voz



Miriam Redin de Quadros¹
Márcia Franz Amaram²

Resumo

O artigo discute a participação dos ouvintes como personagens enunciadore das narrativas radiofônicas, com base na análise do programa Gaúcha Atualidade, veiculado na Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS). Utiliza como método uma matriz analítica elaborada a partir da Análise Crítica da Narrativa, sugerida por Motta (2013b). O texto aborda as disputas pelo poder de voz que permeiam o jornalismo, identificando critérios e circunstâncias que qualificam as contribuições vindas da audiência como informações jornalísticas relevantes a partir de 30 sequências narrativas participativas. Observa que a concessão de voz narrativa ao ouvinte se dá de forma indireta, mediada pelo jornalista, dependendo de fatores específicos como a temática abordada no programa e a estrutura de reportagem mantida pela emissora.

Palavras-chave: Narrativa; radiojornalismo; participação.

Resumen

El artículo analiza la participación de los oyentes como personajes enunciadore de las narrativas de radio, con base en el análisis del programa Gaúcha Atualidade, transmitido por la Radio Gaúcha, de Porto Alegre (RS). Utiliza como método una matriz de análisis desarrollada a partir del Análisis Crítico de Narrativa, sugerido por Motta (2013b). El texto aborda las disputas por el poder de voz que impregnan el periodismo, identificando criterios y circunstancias que califican la contribución proveniente de la audiencia como información periódica relevantes desde 30 secuencias narrativas participativas. Destaca que la concesión de la voz narrativa para el oyente se da de forma indirecta, mediada por el periodista, dependiendo de ciertos factores tales como el tema abordado en el programa y la estructura de información mantenida por la emisora.

Palabras clave: Narrativa; periodismo de radio; participación.

Abstract

The paper discusses the participation of listeners as enunciator characters of radio narratives, based on the analysis of the Gaúcha Atualidade program,

¹ Graduada em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pós-doutorado pela Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pesquisadora do CNPq, Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

broadcasted on Rádio Gaúcha, from Porto Alegre (RS). An analytical matrix developed from the Critical Analysis of Narrative, suggested by Motta (2013b), is used as method. The text addresses the voice power disputes that permeate journalism, identifying criteria and circumstances that qualify the contributions arising from the audience as relevant journalistic information from 30 participatory narrative sequences. It is observed that granting of narrative voice to the listener occurs indirectly, mediated by the journalist, depending on specific factors such as the subject matter covered in the program and the reporting structure maintained by the broadcaster.

Keywords: Narrative; radio journalism; participation.

Considerações iniciais

A participação das audiências na configuração das narrativas jornalísticas radiofônicas é o tema central deste artigo. Nossa reflexão busca investigar quais os critérios e as circunstâncias que orientam a instância de produção na seleção das contribuições enviadas por ouvintes, por meio de ferramentas de interação, tais como aplicativos para *smartphones* e sites de redes sociais. Que fatores determinam quais e quando as mensagens enviadas pelos receptores devem ser levadas ao ar? O que qualifica a participação do ouvinte a ponto de transformá-lo também em um enunciador das narrativas jornalísticas radiofônicas?

A fim de buscarmos respostas aos nossos questionamentos, tomamos como fundamentação teórico-metodológica a perspectiva que compreende o jornalismo como uma narrativa. Desta forma, consideramos o jornalismo como um processo de mediação, que organiza e articula experiências e sujeitos dentro de um contexto lógico e temporal, conferindo sentidos à realidade que nos cerca. Reconhecemos, contudo, que esse processo é complexo e marcado por conflitos pelo poder de enunciação: jornal, jornalistas, fontes e ouvintes disputam espaço na configuração das narrativas com o objetivo de darem visibilidade a seus interesses e pontos de vista. Analisar o jornalismo por esta ótica, portanto, nos permite visualizar suas porosidades e interpretar os conflitos enunciativos que se dão por trás das notícias que ouvimos diariamente.

Trazendo a abordagem da narrativa para o estudo do radiojornalismo, pretendemos promover uma reflexão crítica sobre a influência da participação da audiência nesta mídia, estendendo o debate para além dos reflexos das novas tecnologias ou das mudanças nas práticas produtivas. Considerando os conflitos que se dão pelo poder de enunciação no jornalismo, nosso objetivo é discutir quem é autorizado a falar no radiojornalismo e em que circunstâncias. Partimos do pressuposto que as novas ferramentas interativas viabilizadas pelas tecnologias digitais alteraram as formas como as mídias e seus públicos se relacionam, porém acreditamos que, por sua complexidade, o jornalismo ainda mantém sua autoridade enunciativa. A concessão do poder de voz aos ouvintes, dessa forma, não se dá de maneira desintermediada e livre: há critérios e condições que determinam e limitam esse processo.

Apresentamos na sequência, em um primeiro momento, a discussão sobre o radiojornalismo pelo viés da narrativa, defendendo a adoção de um olhar narrativizante, capaz de nos orientar na compreensão de uma narrativa única em meio à fragmentada e efêmera programação radiofônica. Em seguida, investigamos as disputas pelo poder de voz que se dão neste meio, buscando em Motta (2013b) e Genette (1998) as referências para identificar os sujeitos envolvidos no processo de narração. Em uma segunda etapa, de caráter empírico, analisamos o programa radiofônico Gaúcha Atualidade, veiculado diariamente na Rádio Gaúcha, a fim de observarmos como jornalistas e ouvintes se relacionam e em que circunstâncias os segundos interferem na narrativa, aparentemente, controlada pelos primeiros. Para tanto, examinamos 30 sequências narrativas, por meio de uma matriz operacional de análise elaborada a partir da proposta de Análise Crítica da Narrativa sugerida por Motta (2013b).

O radiojornalismo pelo viés da narrativa

Compreender o jornalismo como uma narrativa é reconhecer sua função de mediação simbólica entre os acontecimentos da nossa realidade histórica e os sujeitos sociais. É pelo ato de narrar, de contar histórias factuais, que o jornalismo encadeia fatos e personagens, de forma a organizar a realidade e dar-lhe coerência e sentido. A narratividade jornalística, assim, não se encontra no produto final – na linearidade temporal do texto da notícia impressa, nas entonações de voz da locução do boletim radiofônico ou nos recursos retóricos utilizados na reportagem para a TV –, mas no processo de construção desses conteúdos. Narrar, nesse sentido, segundo Leal (2006, p. 20), “significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução”. Como esboços instáveis e provisórios do real, as narrativas jornalísticas seriam responsáveis por ordenar de forma preliminar as nossas experiências e os acontecimentos do presente.

Esse ordenamento, contudo, se dá de forma fragmentada. A história do tempo presente é configurada pelo jornalismo de forma serializada: cada notícia publicada nos diferentes veículos informativos são episódios da história em curso. Sua apreensão, dessa forma, depende do que Leal (2006) define como “olhar narrativizante”, ou seja, a possibilidade de se considerar “um ‘texto’ para além da notícia e acionar outras relações presentes no espaço e no tempo” (LEAL, 2013, p. 40). A narratividade jornalística, portanto, emerge, primeiro, do trabalho simbólico do jornalista que ao organizar os fatos os insere em um contexto sócio-histórico, mas também determinado por seu suporte técnico. E, depois, pela ação da audiência no ato de recepção, que conecta, ainda que inconscientemente, os fragmentos serializados da realidade reconfigurando uma narrativa ampliada.

A noção de um olhar narrativizante é especialmente relevante para a análise que propomos aqui: de um programa noticioso radiofônico. É essa

postura epistemológica que nos permite identificar em meio à fragmentação característica deste produto midiático a existência de uma narrativa latente. A forma como o roteiro dos programas é conduzido pelos locutores, principalmente no encadeamento das notícias, comentários, entrevistas, quadros e participações de ouvintes, mesmo que à primeira vista desconectados, conformam uma narrativa ampliada ou uma *meta-narrativa* – a moral da história – que nos conta sobre a realidade de um determinado tempo e espaço, sobre os valores e relações sociais vigentes. Assim, podemos interpretar cada notícia, boletim, quadro ou demais unidades temáticas que constituem um programa de rádio como uma micronarrativa: pequenas histórias aparentemente isoladas que falam sobre acontecimentos e personagens do dia a dia, mas que, quando relacionadas aos demais elementos que compõem a programação radiofônica como um todo, configuram uma narrativa maior, colaborando para construir, reforçar ou mesmo desconstruir representações do mundo real.

Martinez-Costa e Díez Unzueta (2005) reforçam essa perspectiva, do ponto de vista dos estudos sobre rádio. Segundo eles a narratividade neste meio não se restringe apenas ao texto e à locução – como a maioria dos textos técnicos desta área nos apresenta. A emissão continuada, um dos grandes diferenciais do rádio, é o principal argumento para compreendermos a extensão da narrativa radiofônica para além da notícia ou de um programa. A construção de um boletim informativo³ é um bom exemplo para entendermos essa noção. Cada notícia de um boletim é construída como uma narrativa fechada, com início, meio e fim, relatando ao ouvinte um determinado fato. Ao ser levada ao ar, porém, ela será inserida dentro de contextos ampliados: em um primeiro nível, dentro do formato narrativo do programa e, em um segundo nível, dentro da lógica narrativa da programação da emissora.

As disputas pelo poder de voz na narrativa radiofônica

A abordagem da narrativa, que tomamos como referência neste artigo, além de enfatizar o caráter processual da mediação jornalística, reconhece também sua complexidade, principalmente no que se refere aos conflitos pelo poder de enunciação. Motta (2013a) busca em Ricoeur a referência à *poética plurivocal da composição*, pela qual compreende um texto narrativo como composto por diversas vozes⁴ que não somente a do autor. Sob esta perspectiva, o narrador principal ou o locutor do texto é visto como um ser polifônico, já que agrega além da sua própria voz, também a dos personagens que falam por meio dele. Isso nos leva a pensar o texto jornalístico como um lugar de conflitos, em que vozes de diferentes sujeitos disputam visibilidade. Para Motta (2013a), os narradores estão em permanente negociação política e simbólica, buscando sobrepujar seus próprios pontos de vista e, assim, conquistar o poder de fazer crer, dominando a versão hegemônica do relato.

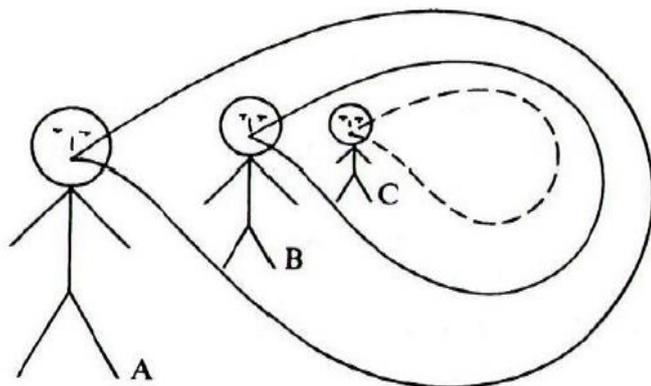
Mas como identificar estas vozes? Como podemos perceber essas disputas de poder dentro do texto jornalístico? A metáfora dos balões sucessi-

³ O boletim, ou síntese noticiosa, é um programa de notícias, com horário e duração determinados (entre três e dez minutos), que tem por objetivo sintetizar os principais fatos ocorridos desde a última emissão, privilegiando textos curtos e diretos (FERRARETTO, 2001).

⁴ Compreendemos aqui o conceito de “voz” de acordo com a Teoria da Narrativa, conforme Reis e Lopes (1988). Segundo estes autores, na narrativa a voz refere-se à(s) voz(es) do(s) narrador(es) e toda a manifestação da sua presença observável no enunciado narrativo. Diferencia-se, portanto, da definição utilizada pela Análise do Discurso, que compreende a voz como a manifestação de um ponto de vista.

vos proposta por Genette (1998) (Figura 1) apresenta um modelo que pode nos ajudar nessa tarefa.

Figura 1 – Modelo dos balões sucessivos



Fonte: Genette, 1998

Observamos na Figura 1 a representação de um primeiro-narrador que está fora da estória⁵ – é, portanto, extradiegético. Ele narra um primeiro relato – o primeiro balão – dentro do qual se encontra o segundo-narrador, que é intradieгético, pois já se encontra inserido na narrativa. Este segundo-narrador também emite um balão, em que vemos um terceiro-narrador, o personagem, que também pode emitir um novo balão, evocando novos narradores e assim sucessivamente.

Ao transpormos este modelo para o estudo da mídia, Motta (2013a) sugere que compreendamos o primeiro-narrador como o veículo, ao qual está subordinado o segundo-narrador, o jornalista, que, por sua vez, detém poder sobre o terceiro-narrador, ou seja, as fontes da narrativa jornalística. O primeiro-narrador, segundo Motta (2013a) é aquele que enuncia a narrativa, sem, contudo, ter participado ou testemunhado diretamente os fatos. Seu papel é comercializar a estória, atraindo a atenção do receptor, seduzindo-o e persuadindo-o a consumir determinada narrativa midiática. O primeiro-narrador pode ser identificado nas manchetes, títulos, chapéus, chamadas, escaladas, vinhetas e outros elementos da linguagem jornalística.

O segundo-narrador é o jornalista, enunciado pelo veículo, ou seja, subordinado ao poder do primeiro-narrador. Sua função é “tecer os fios da estória de acordo com a sua interpretação dos papéis e posições das personagens em conflito” (MOTTA, 2013a, p. 16). É a voz que, de acordo com seus próprios valores profissionais e dos interesses do veículo, enuncia a narração, que seleciona, hierarquiza e encadeia os fatos, que dá voz às personagens: entrevistados, fontes, testemunhas ou mesmo outros jornalistas. Seu poder é, portanto, constantemente negociado, tanto com o veículo que lhe condiciona técnica e ideologicamente o trabalho, quanto com as fontes e personagens, de quem depende para a construção da intriga narrativa.

Por fim, o terceiro-narrador representa os personagens da estória. No

⁵ A opção pelo uso de estória acompanha o posicionamento de Motta (2013b), que remete à distinção entre *history* e *story*, na língua inglesa, atribuindo ao segundo termo um caráter narrativo e subjetivo. O uso de história, sob essa perspectiva, estaria mais ligado aos relatos da historiografia.

caso das narrativas jornalísticas, são as fontes ouvidas e para as quais o jornalista dá voz na construção da notícia. Aqui podemos localizar, além das fontes jornalísticas tradicionais – oficiais, oficiosas ou independentes, conforme Lage (2006) –, também os receptores. Consideramos que os ouvintes tornam-se fontes e, conseqüentemente, personagens quando tomam a iniciativa de participar⁶ e interferem na configuração da narrativa. Ao enviar para a emissora sua opinião sobre determinado tema ou o testemunho de um fato, e ter sua mensagem lida no ar pelo jornalista, o ouvinte troca de papel, como assinalam Souchier e Wrona (2015), deixando de ser um cidadão anônimo e passivo para assumir o lugar de sujeito midiático, um personagem enunciativo da narrativa radiofônica, portanto.

As personagens da narrativa jornalística, conforme Motta (2013a), podem ser identificadas na forma de citação entre aspas (principalmente em narrativas textuais), em entrevistas ou depoimentos (comuns em narrativas televisuais e radiofônicas), ou ainda em discursos indiretos, em que a fala da fonte é enunciada por meio da voz do segundo-narrador. Submetido ao jornalista e, indiretamente, também ao veículo, o terceiro-narrador, entretanto, também dispõe de seu próprio poder para influenciar a narrativa. O autor chama a atenção para o papel das atuais tecnologias de informação e comunicação, além das estratégias de visibilidade adotadas pelas fontes, como principais responsáveis por atribuir maior poder enunciativo aos narradores terciários.

Procedimentos metodológicos

A fim de identificarmos e discutirmos as condições que legitimam a participação dos ouvintes como narradores do jornalismo radiofônico, conduzimos uma análise de três edições do programa Gaúcha Atualidade, veiculadas nos dias 19, 20 e 21 de outubro de 2015. Para tanto, aplicamos uma matriz analítica elaborada com base na metodologia de Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013b).

O Gaúcha Atualidade é um programa veiculado ao vivo de segunda a sexta-feira na programação da Rádio Gaúcha, das 8h10min às 10h. Pode ser definido como um programa de *talk and news*, já que reúne em sua programação notícias, reportagens, entrevistas e comentários. O programa tem três apresentadores: o âncora Daniel Scola e duas apresentadoras-comentaristas, Rosane de Oliveira e Carolina Bahia. O programa segue um roteiro de quadros, comentários e intervenções da reportagem, tendo como uma de suas marcas a interação com os ouvintes, atualmente realizada, principalmente, por meio do aplicativo WhatsApp⁷ e de sites de redes sociais. Rosane de Oliveira é a responsável pelo gerenciamento das mensagens recebidas durante o programa.

O objetivo da Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013b), que adotamos como referência neste estudo, é desvelar os efeitos de sentido que a narração sugere, com base na análise das marcas discursivas deixadas pelo narrador em relação aos personagens do texto. Assim, interessa à análise narrativa

descortinar que relação se constitui entre o narrador e a audiência por meio das características impostas às personagens pelo narrador, como a criação de tipos, o uso de estereótipos, de caricaturas grotescas, etc.. Da

⁶ Interessam-nos, particularmente neste estudo, as contribuições enviadas pela audiência de forma espontânea ou em resposta aos estímulos à participação, por meio das ferramentas de interação mantidas pela rádio: aplicativos para smartphone, sites de redes sociais, torpedos de celular, entre outros, em que o ouvinte-enunciador é escolhido após o envio de sua mensagem. Não estamos considerando aqui as participações em enquetes ou entrevistas de rua, por exemplo, em que o jornalista seleciona suas fontes previamente.

⁷ WhatsApp Messenger é um aplicativo para troca de mensagens via celular sem custos de SMS, pois utiliza o plano de dados de internet móvel. Permite aos usuários a criação de grupos, além do enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudios (COMO FUNCIONA, 2015).

mesma maneira, investigar as razões estratégicas da realização de peripécias pelas personagens, a intenção por trás dos papéis e funções desempenhadas por elas na estória, etc. (MOTTA, 2013b, p. 183).

O foco da análise, dessa forma prioriza a performance dos interlocutores no processo de enunciação narrativa. O método organizado por Motta (2013b) é constituído de sete movimentos. Porém, o próprio autor ressalta que se trata de um modelo que pode e deve ser adaptado ao objeto e aos objetivos de cada pesquisa. Assim, utilizando-nos dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados por ele, elaboramos uma matriz analítica, composta por dois instrumentos. O primeiro protocolo de análise tem como objetivo identificar a intriga central do programa, os conflitos secundários e as sequências encadeadas pela narrativa. O resultado da aplicação deste primeiro instrumento – uma espécie de decupagem do programa – é a construção de um resumo-síntese da narrativa, composto por unidades a que denominamos de Sequências Narrativas (SNs). Já o segundo instrumento volta-se para a análise detalhada das Sequências Narrativas, aplicando as categorias de análise sugeridas por Motta (2013b) que consideramos adequadas aos nossos objetivos de pesquisa.

Em síntese, a aplicação da matriz analítica baseada no método de Análise Crítica da Narrativa proposto por Motta (2013b) tem como objetivo permitir a observação, no produto jornalístico selecionado – a narrativa radiofônica do programa *Gaúcha Atualidade* –, de quem são as vozes que compõem a narrativa, como elas são moduladas pelos apresentadores, que papel desempenham e qual o espaço (quali e quantitativo) que ocupam.

Análise narrativa do programa *Gaúcha Atualidade*

O programa veiculado na segunda-feira, dia 19 de outubro de 2015, teve como principal pauta – a que denominaremos, de acordo com o aporte teórico da narrativa, como *intriga* central – a morte de três meninas indígenas na BR 386, no município de Estrela (RS), atingidas pelo rodado que se desprende de um caminhão. Além desta, o programa ainda abordou como pautas – ou *conflitos* secundários – a situação dos presídios e delegacias em Porto Alegre, um incêndio na cidade de Erechim, a situação econômica brasileira, o cenário político em Brasília e as condições do trânsito. Emerge do programa, ao analisá-lo como uma narrativa única, um tema de fundo ou o que podemos chamar de *metanarrativa*, que neste caso é o pesar pelos altos índices de acidentes de trânsito no Estado.

A decupagem do programa resultou em um total de 49 Sequências Narrativas, dentre as quais cinco foram identificadas como participativas, ou seja, em que houve algum tipo de menção à participação dos ouvintes na configuração da narrativa levada ao ar. Apenas uma destas sequências, porém, teve relação direta com a intriga central, registrando os comentários e suposições dos ouvintes em relação às causas do acidente em Estrela. Três outras sequências

reforçam a metanarrativa, registrando a ocorrência de outros dois supostos acidentes de trânsito na região Metropolitana de Porto Alegre e denunciando as más condições de tráfego em uma rodovia. Por fim, uma última Sequência Narrativa participativa afasta-se da temática “acidente de trânsito” trazendo o comentário de ouvintes sobre as vendas de lonas e telhas em cidades da região Metropolitana após a ocorrência de um temporal.

O excesso de chuvas que castigou o Estado do Rio Grande do Sul na primeira quinzena de outubro, bem como as previsões de novas tempestades foram a intriga central do Gaúcha Atualidade de terça-feira, dia 20 de outubro de 2015. Como conflitos secundários foram abordados a crise política entre o deputado federal Eduardo Cunha e a presidente Dilma Rousseff, o pedido de cassação do deputado estadual Diógenes Basegio, as condições do trânsito em Porto Alegre e o projeto sociocultural Vó Chica. A metanarrativa desta edição remete a um estado de alerta quanto às consequências e aos prejuízos causados pela chuva.

Por meio da decupagem, o programa foi fragmentado em 54 Sequências Narrativas, sendo 13 classificadas como participativas. Diferente do programa do dia anterior, neste apenas uma SN não teve relação com a intriga central, enquanto 12 sequências abordaram questões relacionadas aos efeitos da chuva e às regiões atingidas. Na única situação em que outra temática foi enfatizada, houve o registro de elogios e o interesse por parte dos ouvintes em colaborar com o projeto social Vó Chica, tema de uma entrevista realizada no final do programa.

Entre as contribuições da audiência prevaleceram as que tiveram como foco a previsão do tempo e os registros dos danos causados pelos temporais. Destaque para o envio de fotografias pelos ouvintes, que neste programa mostrou-se mais frequente. Em seis Sequências Narrativas, Rosane de Oliveira mencionou o recebimento de imagens de pedras de granizo, ruas alagadas e árvores caídas. É interessante observar, também, o diálogo que se estabeleceu no programa entre os ouvintes e o comentarista Cléo Kuhn, responsável pela meteorologia. Kuhn permaneceu no ar por aproximadamente 10 minutos ininterruptos – um tempo significativo em se tratando de radiojornalismo –, período em que além de apresentar a previsão do tempo, respondeu questionamentos de ouvintes, sanou dúvidas em relação aos fenômenos climáticos e comentou informações que vinham sendo atualizadas pela audiência.

Na quarta-feira, dia 21 de outubro de 2015, a intriga central, bem como o tema de fundo do programa permaneceram girando em torno dos danos causados pelas chuvas, com ênfase nas ocorrências de queda de granizo e no aumento do nível do Rio Guaíba, que banha a cidade de Porto Alegre. Como conflitos secundários, esta edição do programa deu destaque a um estudo sobre a Previdência Social brasileira, a crise financeira das indústrias, a situação do trânsito e a conjuntura política em Brasília.

O programa foi fracionado em 53 Sequências Narrativas, das quais 12 tinham registros de participações de ouvintes. Novamente, as interações que tiveram como tema o clima foram maioria, estando presentes em 10

sequências. Apenas duas SNs abordaram um conflito secundário, trazendo à narrativa a opinião do público acerca dos dados sobre a Previdência, além de atribuir a origem do estudo divulgado à sugestão de um ouvinte.

Entre as Sequências Narrativas participativas que reforçaram a intriga central do programa, estavam desdobramentos da pauta, como registros de quedas de granizo e alagamentos, mas também pedidos de doações de agasalhos e mantimentos para os desabrigados pelos temporais. Nesta edição do Gaúcha Atualidade houve, mais uma vez, menções ao envio de fotografias em cinco SNs. Repetiu-se, também, a interação dos ouvintes com o comentarista Cléo Kuhn (ainda que desta vez ocupando menos tempo do programa), por meio da mediação de Rosane de Oliveira. Destaca-se, ainda, a utilização de informações enviadas pelos ouvintes para a formulação de uma questão, durante a entrevista com o coordenador estadual da Defesa Civil e a referência feita por um repórter às contribuições da audiência, demonstrando que essas interações influenciam também no trabalho de campo da reportagem.

Crítérios e circunstância de enunciação: quando o ouvinte ganha voz

A análise individualizada das 30 Sequências Narrativas participativas identificadas nas três edições do programa que compõem o *corpus* deste estudo resultou em uma série de recorrências que nos dão pistas para a reflexão sobre o papel que os ouvintes desempenham na configuração das narrativas radiofônicas. A primeira e mais relevante destas evidências é a relação entre a temática do programa e o espaço concedido aos ouvintes. O programa veiculado na segunda-feira teve como intriga central um acidente de trânsito que vitimou três meninas indígenas, enquanto os programas da terça e quarta-feira voltaram-se para a cobertura do clima, enfatizando os danos causados pelo excesso de chuvas e pelas tempestades que vinham atingindo o Estado. Ao compararmos as três edições do Gaúcha Atualidade, notamos que o número de Sequência Narrativas participativas é significativamente menor na edição de segunda-feira. A divulgação do número de telefone para interação via WhatsApp também foi mais frequente na terça e na quarta-feira, sendo repetido pelos apresentadores ao longo do programa, enquanto na segunda, o número não foi mencionado nenhuma vez.

Essa primeira percepção nos leva a crer que as contribuições dos ouvintes se tornam mais relevantes na construção da narrativa radiofônica em situações específicas. Na segunda-feira, apesar da metanarrativa do programa – os acidentes de trânsito – estender-se por todo o Estado, a pauta principal estava localizada em uma determinada localidade, onde já se encontrava um repórter da emissora, acompanhando o desenrolar dos fatos em tempo real. Já na terça e na quarta-feira, a temática *clima* alcançava uma área geográfica muito maior, já que as intempéries do período vinham atingindo grande parte do Estado, o que dificultava a ação dos repórteres na cobertura. Acompanhar *in loco* os danos causados pelas chuvas tornou-se inviável à

equipe da Rádio Gaúcha. Neste caso, as contribuições vindas da audiência, trazendo informações de locais não acessíveis pela reportagem ganharam relevância. A fim de qualificar sua cobertura, com a atualização da situação do clima em diversas localidades, tornou-se importante para a rádio contar com a participação dos ouvintes, por isso suas mensagens foram lidas com mais frequência e sua participação foi mais incentivada pelos apresentadores.

Ouvintes-enunciadores tiveram sempre voz passiva nas sequências analisadas, ou seja, não houve participações ao vivo no programa, por meio de telefonemas ou mesmo pelo recurso de gravação de áudio disponível no aplicativo WhatsApp. As contribuições foram todas indiretas, mediadas por Rosane de Oliveira e, em alguns casos, por Daniel Scola. Apenas em seis casos as mensagens foram lidas de forma aparentemente literal; nas demais, a apresentadora as enunciou de forma comentada, reforçando seu papel de mediação e de controle da narrativa que estava sendo levada ao ar.

A identificação dos ouvintes é outro ponto relevante. Nas 30 SNs, 17 ouvintes são nomeados pelos apresentadores. Em alguns casos, eles foram introduzidos pelo primeiro nome, e em outros com nome e sobrenome. Há ainda algumas situações em que foram atribuídas aos ouvintes informações de identificação relacionadas à localidade de onde falavam, como no caso de “Fábio, de Cachoeirinha” e “Luiz, de Canoas”, ou à profissão que desempenham, como em “Renato, [...] engenheiro agrônomo, produtor rural” e “Edson, taxista”. Nas demais sequências em que houve participação, os ouvintes foram referidos de forma genérica, identificados no plural como “os ouvintes”, “nossos ouvintes”, “as pessoas” ou “muita gente”. Nestes casos, Rosane de Oliveira costumava comentar as mensagens, sem atribuir a autoria a um único interagente. Esta prática pode ser interpretada como um reflexo da própria dinâmica do programa ao vivo e das dificuldades em administrar o volume de contribuições enviadas pelos ouvintes, mas também deixa transparecer uma possível forma de enfraquecimento do poder de enunciação dos ouvintes, à medida que são massificados na narrativa.

A maior parte das contribuições enviadas pela audiência e mencionadas na narrativa radiofônica foi de informações, como, por exemplo, o relato de um atropelamento na BR 116, comunicado na segunda-feira por um caminhoneiro que trefegava pelo local, ou os registros de chuva forte em Rio Grande e de rajadas de vento em Santa Maria, informados por ouvintes oriundos dessas localidades, no programa da quarta-feira. Os verbos utilizados pela apresentadora para introduzir as contribuições da audiência reforçam esse caráter informativo: os ouvintes, na maioria das vezes, “dizem”, “informam”, “afirmam”, “alertam” e “avisam”, além de “perguntarem” e “mandarem [fotografias]”. Pelo viés pragmático do uso da linguagem, podemos dizer que eles desempenham atos de fala *expositivos*, segundo a classificação proposta por John Austin, ou *assertivos*, de acordo com John Searle (MARCONDES, 2005). Conforme ambas as categorizações, estes verbos são considerados performativos, já que sua enunciação configura, por si só, a realização de um ato. Por essa perspectiva, podemos enfatizar o protagonismo dos ouvintes na construção da narrativa: apesar de mediados e subordinados ao controle narrativo dos apresentadores do programa e da emissora (segundo e primeiro-narradores,

respectivamente), os ouvintes também se configuram como narradores, com poder para interferir no enunciado jornalístico.

Destaca-se também, entre as mensagens de cunho informativo, o envio de fotografias, que se tornou acentuado nos programas de terça e quarta-feira. Enquanto na segunda-feira em apenas uma SN houve menção ao envio de fotos, na terça e na quarta somaram-se 11 Sequências Narrativas com referência a fotografias de ouvintes. Novamente, percebemos como a temática abordada pelo programa influenciou o espaço destinado à audiência como coprodutora da narrativa levada ao ar. Ao mesmo tempo, cabe refletir sobre o envio de fotografias como estratégia de visibilidade e credibilidade, já que a imagem funciona como uma prova do real, atribuindo veracidade à contribuição da audiência.

Nesse sentido, é preciso ainda ponderar sobre os procedimentos de apuração durante o Gaúcha Atualidade. Notamos que os ouvintes que interagem com o programa gozam de um tipo de credibilidade presumida, tal qual Charaudeau (2013) atribui às fontes do tipo testemunhal. Elas não teriam interesses aquém do mero relato dos fatos observados. Assim, as informações, relatos e denúncias que foram mencionadas no ar pela apresentadora Rosane de Oliveira como provenientes da audiência não pareceram passar – ou isso não foi explícito – por nenhum procedimento de checagem, sendo veiculadas de forma imediata. Em apenas duas ocasiões há menções sobre a atuação da reportagem da rádio na verificação dos fatos, nos programas dos dias 19 e 21. Nestes casos, logo após divulgar a informação enviada pelos ouvintes, a apresentadora acrescentou que a reportagem iria checar os fatos, porém, não houve referências posteriores, durante os programas, à averiguação das ocorrências registradas pelos ouvintes.

Um caso em particular, veiculado no dia 20, merece destaque. A ouvinte Bea Silva escreveu para a emissora (o meio utilizado não foi identificado), contando um fato inusitado envolvendo a cobrança de multas indevidas pela Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) de Porto Alegre, após a queda de uma árvore sobre um carro. A mensagem enviada por Bea, apesar de extensa, foi lida na íntegra no ar e contou com o apoio dos apresentadores, que reforçaram a sensação de injustiça com a cidadã. Alguns minutos depois, uma nova Sequência Narrativa retomou o caso, desta vez com veiculação da resposta enviada pela EPTC, nota que novamente foi lida na íntegra. O tratamento dado ao caso não deixa claro se houve uma interferência da produção do programa no contato com o órgão público. Revela, porém, a utilização do rádio como um prestador de serviços e o jornalista como um defensor do público, ideais cristalizados na identidade do meio e do profissional.

Considerações finais

Ao escolhermos abordar a discussão sobre a participação dos ouvintes no rádio pelo viés da narrativa, nosso objetivo foi refletir não apenas sobre as modificações nas práticas produtivas ou sobre uma possível pluralização dos discursos jornalísticos, mas, principalmente, sobre os

embates que se dão por trás desse processo. A perspectiva da narrativa, ao reconhecer as múltiplas vozes que configuram o texto jornalístico e as disputas que envolvem o processo de enunciação, nos oferece uma possibilidade de reflexão crítica acerca das novas formas de interação entre veículos de comunicação e seus receptores.

Avançando para além das abordagens mais frequentes nos estudos sobre rádio e participação/interatividade, especialmente aqueles ancorados no contexto da convergência midiática, a discussão que propomos neste artigo buscou questionar, ainda que de forma latente, as perspectivas que se limitam a defender o papel democrático da participação e sua capacidade de tornar os discursos jornalísticos de fato polifônicos. A análise que conduzimos mostrou-nos, ao contrário, que o jornalismo segue sendo uma atividade complexa, em que diferentes sujeitos e interesses entram em conflito por visibilidade, e em que a tecnologia – o principal motor para o surgimento das modalidades participativas e colaborativas no jornalismo – é apenas mais um dos elementos desse contexto.

A análise do programa Gaúcha Atualidade nos revelou que o ouvinte-enunciador, por mais ativo e conectado, ainda tem um papel passivo na configuração das narrativas, subordinado ao controle narrativo do jornalista apresentador. Isso demonstra que somente a tecnologia e as novas formas de interação não são capazes de modificar a hierarquia do processo de construção do discurso jornalístico. A autoridade enunciativa permanece atrelada ao profissional: é ele quem dá voz aos demais personagens.

A elevação do ouvinte ao papel de personagem da narrativa, a partir da sua enunciação participativa, se dá, portanto, somente à medida que o jornalista julga sua contribuição como uma informação relevante, autorizando-o como fonte. Esse processo de seleção das mensagens e dos ouvintes que configurarão a narrativa, porém, depende de múltiplos fatores. Observamos como a temática – ou intriga central – do programa influenciou a inserção de contribuições da audiência, bem como o incentivo à participação. Atrelado a isso, a estrutura de reportagem organizada pela emissora – ou a ausência desta estrutura – também condicionou a participação. Quando não dispunha de repórteres ou recursos que permitiam acompanhar os acontecimentos, a rádio recorreu com mais frequência às informações provenientes da audiência, atribuindo-lhes um caráter testemunhal. A valorização de mensagens que continham imagens ajudou a reforçar essa constatação.

Ao tornar-se personagem da narrativa pela seleção do jornalista apresentador, o ouvinte é, assim, construído discursivamente; em alguns casos qualificado por sua localização geográfica ou profissão, em outros minimizado pela identificação generalizada. O uso de verbos performativos, segundo a perspectiva pragmática, contudo, assegura-lhe um lugar enunciativo na narrativa, já que ao “informar”, “alertar” ou “dizer” algo, ainda que por meio da voz da jornalista, o ouvinte realiza ações enunciativas.

A discussão proposta neste artigo, bem como os resultados obtidos pela análise empírica, dessa forma, reforçam a complexidade do processo

de configuração das narrativas jornalísticas, enfatizando as disputas pelo poder de voz que se dão, especialmente, entre jornalistas e ouvintes. Com um olhar crítico, porém, a análise revela que, por mais conectados que estejam, por meio da tecnologia, os ouvintes ainda não são capazes de interferir diretamente no texto jornalístico. Cabe ao jornalista a função de mediar a configuração das narrativas, concedendo voz aos personagens, de acordo com circunstâncias e critérios específicos que envolvem o processo de enunciação.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COMO FUNCIONA. *WhatsApp*. 2015. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/>>. Acesso em: 09 dez. 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

GENETTE, Gérard. *Nuevo discurso del relato*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LEAL, Bruno Souza. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 19-27.

_____. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A. (Orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 25-48.

MARCONDES, Danilo. *A pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTINEZ-COSTA, M. P.; DIEZ UNZUETA, J. R. *Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica*. Pamplona: EUNSA, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Mediação + Representação: matriz conceitual e operacional para análise dos conflitos de poder no jornalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013a, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA; Compós, 2013.

_____. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013b.

REIS, C.; LOPES, A. C. M.. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SOUCHIER, E.; WRONA, A. O cruzamento de vozes no espaço do jornal. In: MOURA, D. O.; PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. *Mudanças e permanências do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015. p. 304-331.

RECEBIDO EM: 14/12/2015 ACEITO EM: 03/12/2016